

Deve-se a Floriano a implantação do regime republicano ?

Oração proferida na Escola Militar, a convite do seu Comandante, General Mario José Pinto Guedes — em comemoração do centenário do nascimento do Marechal Floriano Peixoto.

Tenente-Coronel JONAS CORREIA

No ano de 1839, em terras alagoanas, um grito de criança ecoava, sem alvícaras, numa pobre mansão rusticana. E nascia, para um destino singularíssimo, aquele a quem os homens batizaram de Floriano Peixoto e para quem a História reservara o agnome inconspicável de Marechal de Ferro.

A sucessão dos seus dias pode enquadrar-se num retângulo simbólico, limitando a superfície ideal de sua existência: até aos dezoito anos viveu como um menino cuja sorte se prestasse a uma experiência; assentou praça nessa idade, por vocação incoercível, a que se atende com íntima alegria, mesmo quando conduz ao aniquilamento: Floriano aos vinte e dois anos era Primeiro Tenente e aos vinte e cinco marchava para a campanha do Paraguai.

Fez a guerra. Foi um bravo. Não copiou nenhum modelo, exótico ou patricio: reviu-se sempre nas próprias atitudes. Poderemos até dizer que a História já lhe seguia as trilhadoras perigosas. E, ao fim, não apareceu em citações emblocadas: permaneceu sozinho, com os seus galões de Tenente-Coronel, as suas condecorações e a sua bravura.

Só os homens a quem o destino escolhe para feitos invulgares podem afirmar-se em meio às convulsões: Floriano emergiu, da longa provação dessa guerra cruenta, já vincado para a glória de realizar, na sua Pátria, o exercício de uma autoridade, até hoje impar,

tal a tessitura de circunstâncias excepcionais, que, longe de a circunscreverem à época, lhe determinaram uma amplitude esplêndida. Graças a êsse processo sociológico de projeção dos fatos no tempo e no espaço é que, hoje, a nossa admiração se detem diante da figura do Marechal, para lhe agradecer o bem que fez ao Brasil.

Não foi de repente, entretanto, que êle surgiu, despertando o delírio das multidões, nem por obra de golpes audaciosos, violentando a natureza espiritual de um povo. Pelo contrário. Ser-lhe-ia dado um período de experimentação dos homens e das coisas: e decorreram, em atividades comuns, os anos de 1871 a 1889.

É interessante observar-se como os fatos podem compor-se, realizando aspectos delimitadores de acontecimentos imprevisíveis, apesar de muito desejados! A República foi no Brasil um acontecimento coincidente: a sua pregação foi teórica e, por isso mesmo, lírica. Era apenas uma aspiração, fruto da cultura e da educação evoluida de alguns brasileiros. Mas força é confessar que ela só foi possível, quando a trajetória da sua propaganda cruzou com aquela outra, surpreendentemente ascensional, da vida de Floriano Peixoto, já Marechal de Campo.

Perdoai-nos, se ousamos demonstrar o nosso juízo. Êle nos parece lógico; não será mais, portanto, que uma aplicação das leis do pensamento ao conhecimento da verdade. Ora, não há verdades preexistentes, senão provadas: portanto, não há verdade sem lógica.

Nosso argumento, expressão verbal do nosso raciocínio, vai concluir indubitavelmente, acasalando os elementos que a História nos fornece, para deles concluir, como verdade imediata, que a República no Brasil é devida a Floriano.

O conceito de predestinação é subjetivo, mas só a realidade o verifica. Ora, em fins de 1888, Floriano se entregava às repousadas fainas da lavoura, num engenho da sua propriedade, em Alagoas, quando recebeu cartas da Côrte. Leu-as, ponderadamente. E depois exclamou para os circunstantes, amigos e aparentados: "Não posso mais demorar-me aqui. Minha presença torna-se necessária no Rio".

Eis aí. O homem sente — e Floriano o sentia, por sem dúvida — essa imposição interior de seguir o seu fadário. Era a convocação do destino, a que ninguém se esquiva, porque são impenetráveis os seus arcanos.

Chegado à Côrte, sua ação é por demais conhecida. Todos se permitiram apreciá-la de formas diferenciadas, consoante as tendências de cada um. Êle, entretanto, — só êle! — agia com o instinto superior dos predestinados... Temos a impressão, hoje, de que não se poderia ter conduzido de outra maneira. E a República foi implantada no território nacional, a 15 de Novembro de 1889, porque houve um homem que possibilitou o seu advento: êste homem — foi Floriano.

Não o afirmamos imprudentemente, de vez que se irroga ao Marechal a censura — mais suspeição que censura! — de não ter sido um dos propagandistas. Porém, não precisava sê-lo: nenhum deles era objetivo: todos sonhavam. O próprio Deodoro, êste foi o impulso. Só Floriano foi a ação realizadora: oportuno, sereno, decisivo. Negando-se a obedecer às ordens de Ouro Preto, fez mais, muito mais, num minuto, e em prol da República, do que os seus quatro lustros de propaganda: êle a instituiu inapelavelmente!

Não se conhecem de Floriano torneios discursivos em torno da tese republicana: sabe-se dêle apenas isto: no momento de agir, agiu. E isto é tudo!

E a prova de que êsse mestiço sublimado sabia ser convicto republicano reside justamente em que êle pôde sustentar, de 23 de Novembro de 1891 até 15 de Novembro de 1891, uma luta espantosa, contra adversários excessivos e ímprobos, animados de propósitos suspeitíssimos. Venceu-os a todos, sem teatralidade mas com a justa ufania do dever cumprido até a morte.

Não haverá, contudo, um varão brasileiro, cujo depoimento sobre Floriano possa valer como um patrocínio a tudo quanto afirmamos? Existe, sim: e ouvi-lhe o nome com respeito e admiração, ó mocidade militar do meu País: é Quintino Bocaiuva, o mais sutil, o mais estrênuo, o mais completo tipo de repúblico civil de então. E que disse?

Em discurso proferido no Senado Federal, a 2 de Julho de 1895, três dias após a morte de Floriano, declarou: "... o que constituiu a sua força e o que há de constituir a sua glória, é justamente o ter sabido, na hora em que o destino lhe impôs a sua sublime missão, reunir e congregar em si tudo quanto a Nação inteira lhe podia inspirar de abnegação, de força de vontade, de energia, de

coragem e de tenacidade para bem servir à causa da Pátria e defender a República". E, a seguir, em comovida ênfase: "Que o seu nome seja efetivamente o símbolo da República e o elo da união entre todos quantos amam sinceramente a República e querem vê-la forte, engrandecida e gloriosa".

Diante disso a conclusão é simples e nobilitante: Floriano era um republicano convencido, mas prudente. Por isso, desatendeu ao Visconde de Ouro Preto, facilitando a vitória de Deodoro; por isso, defendeu os ideais triunfantes a 15 de Novembro de 1889, contra a anarquia e a desordem, e venceu com dignidade; por isso, por tudo isso, pôde merecer a alcunha enaltecadora de "símbolo da República", que lhe era atribuída pelo altíssimo espírito de Quintino!

Depois que deixou o supremo posto político, que se tornara para êle um motivo de transe ináuditos, ainda viveu alguns meses. Honradamente. Melancolicamente. Até que um dia, sobre os olhos parados, alguém lhe desceu as mansas pálpebras. Deixaria de ver por todo o sempre. Não mais ouviria. Êle, que tão raro falava, não teria mais voz. Levaram-lhe o corpo e o deram à terra. Foi uma apoteose. Oradores. Salvas. O povo com as suas lágrimas. E observando a trajetória de cinquenta e seis anos, percorrida por um homem taciturno, reservado e enérgico — a História se preparava para honrá-lo, inscrevendo seu nome entre os maiores que teve a nossa Pátria.

Em seu louvor, no transcurso das comemorações do centenário do seu nascimento, é justo que nesta Escola, — que foi evangelizada pela palavra e pelo exemplo imortais de Benjamin Constant, e que tem as responsabilidades iniciais da implantação do regime, — seu nome seja evocado como o de um arquetipo. Todavia, para que mais encher de adjetivos a nossa emoção e o nosso entusiasmo pelo vulto soberanamente assinalado, em que esmaecem os defeitos para a floração luminosa dos contornos felizes? Se Carlyle lhe houvera estudado a personalidade opulenta, tê-la-ia fixado entre a resistência intrépida e a serenidade magnífica. E traduziria a sua vida através do inteiro sentido ativo de um verbo estelar: — servir!

Na verdade, serviu ao Brasil até à morte: e esta é mais bela, a mais pura, a definitiva, a imarcescível lição da sua existência.